OS INTELECTUAIS E A ATITUDE POLÍTICA

EDSON CARVALHO VIDIGAL*
Membro da Academia Maranhense de Letras

Verde que te veste

e investe e te enfeita,

que te protege e te esconde,

que te poupa e te tranca,

e te priva do sol dos meus dias,

esperando um eclipse,

um instante de trevas

para nos unir e despir

nossas diferenças e cortar

nossos obstáculos e encurtar

nossas distâncias e endoidar

nossas esperanças e destravar

o verde que te veste e não sei

o que mais, nem sei o que mais...

Só sei que cada hora,

como agora, mais cresces

como a minha barba

http://bdjur.stj.gov.br

*Ministro do Superior Tribunal de Justiça, a partir da Constituição de 1988.
Discurso de Posse na Academia Maranhense de Letras, em São Luís, Maranhão, 8 de agosto de 1997.

que não posso evitar

e que raspo com navalha todo dia

e que, apesar disso, não consigo evitar.

Verde dos teus olhos

que nem saberei se foram azuis,

se nasceram pretos, castanhos,

se usam lentes de contato, nem sei.

Verde que não te quero verde,

porque te quero na cor real,

a cor dos teus cabelos e pêlos,

a cor do teu olhar e apelos

a cor do teu viver, do teu amor

para me retocar e me consertar.

Assim evoco Eurídice, minha mulher, minha amiga, minha companheira. Com ela tudo é mais bonito assim. Porque Deus quer.[1]

Muito obrigado por terem vindo.

Nunca eu poderia me imaginar chegando à Academia em circunstância tão especial como a desta noite; chegando para ser

[1] O poema chama-se "A Promessa do Verde", pág. 213 de "Um Amor Quase Exemplar", Edições AML, S.Luis,MA,1994. O livro foi lançado em Caxias,MA, em 20 de julho, quando completei 50 anos de idade e me casei com Eurídice. Na noite da posse ela ainda estava nos Estados Unidos fazendo um curso no BID, em Washington,DC. Não havia como adiar novamente. Então inseri o poema como epigrafe do discurso, trazendo-a para as emoções felizes daquele momento importante da minha vida.

empossado na Cadeira nº 14, que teve como último ocupante Bernardo Coelho de Almeida, meu padrinho na fé, grande amigo na vida.

Naquela estatura enorme só cabia bondade. Tinha um coração incansável para se distribuir com os outros em boas querenças e sabia ser sozinho para não repartir a dor pessoal, quando tinha que sofrer.

Estou aqui para ocupar a sua cadeira, não para assumir o seu lugar.

Sei que não o alcanço na paciência do historiador de "Bequimão"; na visão cotidiana do cronista de "Galeria", na precisão do memorialista de "Éramos Felizes e Não Sabíamos"; na verve do romancista de "A Última Promessa"; na inocência poética de "Luz. Mais Luz!", o livro da estréia; na beleza quase simplória de "A Gênese do Azul", eu sei que não o alcanço.

Andamos juntos, metidos em lutas por ideais.

Compartilhamos dificuldades e celebramos vitórias. Nele a caridade no silêncio; nunca a esmola trombeteada; nele a consciência de que é melhor trabalhar confiando no triunfo do bem do que ter medo da vitória do mal.

Como a maioria dos nossos intelectuais naquele tempo, Bernardo também foi ativista político. Como jornalista, tanto se identificou com o sentimento popular e passou a ser tão conhecido no Maranhão que a sua voz possante, sem empostação, firme e sincera, passou a ser ouvida, durante doze anos, por três mandatos consecutivos, não mais apenas pelas ondas sonoras do rádio, de que foi um dos pioneiros no Estado. Passou a falar também na tribuna parlamentar, na Assembléia Legislativa.

Deputado pelo Partido Libertador, quando o movimento militar extinguiu os partidos históricos logo ele se juntou à vanguarda do

pensamento oposicionista de então - Renato Archer, Freitas Diniz, dentre outros - e fundou com eles a seção maranhense do MDB/Movimento Democrático Brasileiro, hoje conhecido como PMDB.

Combativo, não sabia ter inimigos; talvez adversários.

Na contramão da política, quando amigos dos tempos de ginásio, como José Sarney, faziam Oposição, Bernardo atuava conciliando a favor do Governo. Sua família, de longa tradição e influência política na região de São Bernardo, tinha vínculos históricos com o situacionismo da época.

Era um político diferente. Sincero no que dizia e no que fazia, não sabia ser oportunista.

Quando a Oposição se fez Governo, início dessa trajetória brilhante de Sarney, ele se manteve onde estava, ligado ao mesmo grupo político, agora militando na Oposição.

Não sabia ser independente dos seus pais, nem dos irmãos, nem de Maria Augusta, com quem foi casado a vida inteira.

Alguns anos depois, numa manhã de setembro, o Maranhão amanheceu órfão de Bandeira Tribuzi, o poeta, o jornalista, o economista, o planejador, o sonhador. Tribuzi, aquele que doando sua vida dava a sua alma ao “O Estado do Maranhão”; o jornal que Sarney implantava.

Desfalcado de Tribuzi, de quem Sarney primeiro se lembrou para não deixar cair o ânimo da equipe? De Bernardo, a quem entregou a direção do jornal. Retirado, de há muito da militância política, sem filiação partidária, voltou ao redemoinho das articulações e dos palanques somente para coordenar a minha campanha para Deputado Federal. Sem ele teria sido mais difícil ter sido eleito.

Bernardo tinha muito respeito pelas opiniões dos outros. Ainda que esses outros fossem, como no meu caso, pessoas muito próximas. Nunca buscou o crédito da amizade nem a autoridade do respeito para tentar influenciar um amigo a voltar atrás em suas opiniões. Nunca me cobrou dividendos da vitória; estimulava-me, sim, ao empenho, a que não esmorecesse nos objetivos, a que nunca me esquecesse das promessas.

("Porque tenho promessas a cumprir / tenho quilômetros a andar antes de dormir. / Quilômetros a andar antes de dormir... - Robert Frost.) [2]

Envolvido no movimento pela volta das eleições diretas no Brasil, tendo causado então um prejuízo político à base parlamentar de sustentação ao regime militar, pressionado para retirar a Emenda, aprovada na Comissão Mista do Congresso, não demorou para que áulicos do regime saíssem à caça dos meus amigos para que me demovessem da idéia.

Bernardo foi um dos primeiros a ser alcançado. Sabem o que respondeu ?

- *"Não sou sócio do mandato dele".*

Uma vez escreveu e publicou em livro isto aqui:

"Hoje em dia não alimento a pretensão de liderar a indicação de nenhum nome para a Academia Maranhense de Letras, exceto o de uma pessoa muito ligada a mim; jornalista de renome nacional, importante magistrado, prosador de belo estilo e poeta com livro a ser

[2] Poeta norte-americano.(1874-1963). Este verso é de um poema que Frost declamou na cerimonia de posse de John F.Kennedy, 35° Presidente dos Estados Unidos,em 20.01.60.

http://bdjur.stj.gov.br

lançado nos próximos meses para receber, não tenho dúvida, a consagração da crítica brasileira". [3]

Por isso, a circunstância especial desta noite.

E mais - não só o Patrono da Cadeira nº 14, o grande Nina Rodrigues; também os que a ocuparam antes de Bernardo Almeida, foram intelectuais comprometidos com a idéia de que o melhor tem que ser para todos.

Ninguém está no mundo, observava Ernesto Renan, somente para ser feliz ou honesto; precisa de nobreza na alma; precisa também fazer alguma coisa em favor da humanidade. Nina Rodrigues, Antônio Lobo, Achilles Lisboa, Odilon Soares, Bernardo Almeida, nobres de alma, fizeram coisas pela humanidade.

Antônio Lobo (1870-1916), só viveu 46 anos. Líder cultural de sua geração, agitador de idéias, na definição de Jomar Moraes; ídolo da juventude, cujos movimentos apoiava. Foi, em seu tempo, a figura literária mais brilhante do Maranhão. Daí ser a Academia a Casa de Antônio Lobo, embora ele nunca a tivesse presidido. Foi professor da Escola Norma e do Convento das Mercês; Diretor do Liceu Maranhense; Diretor da Instrução Pública e da Biblioteca Pública, onde empreendeu gestão dinâmica e moderna.

Jornalista combativo, fez política, crítica literária, escreveu ficção, fundou revista. Sociólogo, biólogo, poliglota, exemplo marcante de autodidata, exerceu poderosa influência na geração do último fim de século, apoiando os talentos jovens que despontavam eufóricos de idéias.

Traduziu e publicou obras de François Coppée; Henrik Sienkiewcz; e de A. Bisson. Escreveu trabalhos sobre as bibliotecas

[3] "Éramos Felizes e não Sabíamos", pág.215, Revista Editora Legenda, S.Luis-Ma, 1992. O exemplar que me enviou está dedicado assim: "Ao caríssimo Edson Vidigal, sempre no meu coração. Afetuosamente, Bernardo Coelho de Almeida. Em 12.01.93".

infantis e ambulantes nos Estados Unidos, em 1903; concepção positiva do crime (no sentido de positivismo, claro); a medicina na literatura contemporânea; as idéias morais no romance contemporâneo; escreveu até sobre positivismo e micróbios. Depois de sua morte foi que editaram o seu livro intitulado "A Política Maranhense". [4]

Achilles Lisboa, (1872/1951). Viveu 78 anos. Farmacêutico pela Faculdade da Bahia; Médico pela Universidade do Rio de Janeiro. Cientista, ganhou fama como botânico e leprólogo. Foi Prefeito de sua cidade natal, Cururupu; Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro; Governador do Estado do Maranhão.

Ocupou-se de temas como o insucesso do serviço do algodão; o problema biológico da seleção; o ensino primário, problemas do jardim botânico, necessidade de um convênio internacional sul-americano para a defesa comum contra a lepra, profilaxia da tuberculose; a lepra do ponto de vista da hereditariedade mórbida; o regime pervertido e o Maranhão arruinado, razões de queixas e esperanças do Maranhão; o plano de um governo e a razão de uma oposição.

Para Achilles Lisboa, a solução de todos os problemas sociais tinha que passar, antes, pela educação. Sustentava que as civilizações se plasmam com a herança social mas só se organizam através da educação. Pregava que o ensino não deveria ser apenas teórico; sua proposta incluía a prática. Com teorias tão somente, *"não se formariam senão espíritos especulativos, que são fatores necessários, mas de insignificante valor dinâmico no mecanismo das nacionalidades e não espíritos práticos, que são os motores principais da nacionalidade".*

Sustentava que *"nos espíritos práticos todo o estado de consciência se exterioriza por um movimento, por uma deliberação pronta, por um ato; nos espíritos especulativos, suscita apenas estados*

[4] "Antologia da Academia Maranhense de Letras", págs.130/132.

http://bdjur.stj.gov.br

análogos de consciência, não lhe associando elementos outros determinantes da ação. Vê-se por aí - afirmava Lisboa - que a educação puramente especulativa ou intelectual, isto é, a instrução pura, não vale a educação propriamente experimental, que excita a formação do caráter e, só ela, estabelece reflexos com a força bastante para se resolverem em decisões que conduzem necessariamente a atos exteriores de que se entretece a vida social. (...)

O seu texto fluía assim, em parágrafos longos, bem discursivos.

"Um povo do homens que não tenham verdadeira habilitação prática para a concorrência vital; um povo de homens que não sejam fortes de corpo como de espírito; que por um legítimo sentimento do seu merecimento próprio não possam querem e não queiram poder; um povo assim de homens mais idolatras das teorias que serviçais do trabalho positivo e que, por isso, ao invés de se atirarem à conquista da fortuna pelos empreendimentos particulares, buscam apenas o favor do patrocínio oficial; um povo assim, de homens sem o brio bastante e o orgulho necessário para se não amesquinharem diante das dificuldades, que lhes surjam na vida nacional; um povo assim constituído não tem por isso mesmo a capacidade e a força para influir decisivamente nos seus destinos, dando ao seu país uma perfeita coesão espiritual, que só ela determina o valor de uma nação na concorrência internacional contemporânea."

Quanta atualidade em Achilles Lisboa! Escolas que não se destinem ao engessamento mental; ensino que prepare as pessoas para vida prática! [5]

Antes de Bernardo Almeida (1927-1996), ocupou esta Cadeira o bravo e culto Odilon Soares (1902-1958). Doutor em medicina;

[5] Ibidem, págs. 135/139.

tisiologista; humanista, professor, publicista, político, grande tribuno, primeiro filho de Pinheiro a ser eleito Deputado Federal. De sua iniciativa a lei que institui a tisiologia como disciplina em todos os cursos de medicina no País.

Odilon Soares foi Catedrático do Liceu e da Faculdade de Filosofia; Diretor da Instrução Pública do Estado; fundador da Liga Maranhense Contra a Tuberculose e Diretor do Hospital. Sua tese de concurso para a cátedra de filosofia cuidou de Goethe e dos adjetivos na língua alemã. Odilon viveu 56 anos. [6]

São deles estas anotações sobre Nina Rodrigues (1862/1906), o Patrono, que viveu apenas 42 anos:

"Nina Rodrigues constituía uma exceção no nosso meio; era um sábio que vivia a estudar, a trabalhar, a perquerir e a escrever, dando-nos, assim, conta dos seus estudos, das suas atividades e das suas pesquisas. Em pouco tempo, menos de vinte anos, publicou uns trinta trabalhos. E que trabalhos!

"Quando estudava, esgotava o assunto, dissecava-o, esquadrinhando por todos os ângulos. Senhor de todos os segredos, podia tirar, então, as conclusões, de modo original e seguro, porque nada escapava ao seu senso perspicaz e quase divinatório, fosse qual fosse o campo de investigação. Assim, sob o poder do seu gênio, a obra saía plasmada, perfeita, não para dia, para século, para a eternidade.

"E fica-se admirado, quando se pensa que essa obra teve ele de criá-la toda, ou quase toda, desde o método, sozinho, sem guia ou tradição, ajudado pelo bom senso e espírito crítico e filosófico e por esse cabedal de cultura humanística, extraordinária e invejável de que era possuidor. Nestas condições, compreende-se bem que a sua obra ainda

[6] Ibidem, pág.227.

http://bdjur.stj.gov.br

perdure, decorridos mais de cinqüenta anos, mostrando-se atual, rica de ensinamentos e sugestões.

"(...) O nome de Nina Rodrigues não se apaga da nossa memória. Antes, cada vez mais torna-se mais vivo com a multiplicação dos seus discípulos, já em segunda geração e com o conhecimento do negro nos moldes que ele instituiu.

"Foi na Bahia, onde viveu quase a metade da sua curta existência, que Nina Rodrigues descobrira esse mundo ignorado e misterioso, constituído pelos negros escravos.

"O negro escravo até então era considerado só como uma máquina para fazer dinheiro mas transformava-se nas mãos do jovem sábio maranhense objeto de ciência.

"Aí na Bahia também encontrara o seu ambiente, porque as tendências de Nina Rodrigues sempre foram para estudos sociológicos sob qualquer de seus aspectos, dominando-o desde cedo os estudos de etnografia comparada, da etnologia brasileira, os quais deviam levá-lo, mais cedo ou mais tarde, ao aspecto médico-social ou antropológico-judiciário, num tempo em que fazer medicina legal brasileira era contar anedotas, como diz o Professor Lins e Silva."

"Em 1894, ainda professor substituto de medicina legal na Faculdade de Medicina da Bahia, publicou Nina Rodrigues o grande livro que lhe completou a glória - "As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal do Brasil", que, no dizer de Afranio Peixoto, é uma fé de ofício de professor e de pensador fecundo e original. Com a publicação desse livro firmou-se como o fundador da antropologia criminal brasileira. As idéias aí defendidas não podiam deixar de encontrar a devida ressonância e o atual Código Penal já não esqueceu o índio brasileiro, antes sem garantias. Sem o conhecimento das ciências biológicas, a Justiça, principalmente a Justiça Penal, não se pode exercer corretamente. A intervenção de Nina

http://bdjur.stj.gov.br

Rodrigues, onde ela se fez, foi sempre das mais benéficas. Era um benfeitor." [7]

Nina Rodrigues; Antônio Lobo; Achilles Lisboa; Odilon Soares; Bernardo Almeida - todos, cada um no seu tempo e no seu ofício, benfeitores!

Nenhum deles sucumbiu ao delírio provinciano de fincar limites ao horizonte, como se o infinito acabasse aqui. Exorcizaram emoções baratas e arrebentaram grilhões. Enxergaram que também há vida em todo lugar, mesmo naqueles para onde não se planejaram, ainda, as pontes e as estradas. Mostraram que é melhor seguir em frente pensando em melhorar o mundo do que não fazer nada, só reclamar e querer dormir na praia.

Volta e meia se discute no mundo sobre as responsabilidades dos intelectuais diante de conjunturas sociais e econômicas. Nunca falta quem diga que os intelectuais porque são, quase sempre, ficcionistas são maus formuladores de políticas e, por conseguinte, maus políticos. Por isso, teriam que se restringir ao seu ofício de entreter pessoas.

Há, porém, os que, como Norberto Bobbio [8], entendem que a tarefa do intelectual é a de agitar idéias e suscitar problemas; só os intelectuais podem se permitir à paciência existencial da dúvida metódica de tentar, pela força do pensamento, desatar os nós inerentes à convivência coletiva.

Ninguém discorda que os intelectuais são figuras públicas investidos de autoridade pública para fazerem uso público da razão.

---

[7] "Nina Rodrigues", Academia Maranhense de Letras, 1956, págs. 21/24.

[8] Senador Vitalício da República da Itália. Nasceu em Turim, em 1909. Jurista e filósofo, exerce poderosa influência entre os pensadores políticos e operadores do Direito no Brasil. Tem mais de uma dezena de livros publicados no País. Os mais recentes são "Os Intelectuais e o Poder", Editora Unesp, S.Paulo,SP, 1997 e "O Tempo da Memória", Editora Campus, Rio de Janeiro,RJ, 1997.

http://bdjur.stj.gov.br

Em todos os momentos da história da humanidade quando a pobreza se alargou ocupando espaços, o poder diluiu o juízo dos governantes, o déspota demorou onde não deveria nunca ter chegado, o poder se corrompeu, onde a sociedade se viu acuada sem expectativas de vencer misérias e vencer aqueles que se mantém à custas dela; alimentados pela ignorância das massas ou pela falta de uma oposição construtiva; em todos os momentos em que a humanidade fez revoluções ou avançou operando grandes transformações; todos os registros dão conta de que sem os poetas, sem os pintores, sem os músicos, sem os romancistas, sem os grandes pensadores, sem oradores, sem intelectuais nenhuma vitória seria alcançável.

Churchill[9] era um intelectual; nessa condição foi eleito pelo seu povo e se tornou herói de guerra contra a tirania. Lincoln[10] era um intelectual, grande advogado, que só exerceu duas funções públicas - Deputado e Presidente da República. Sua visão de estadista não permitiu a decomposição do seu País.

Jefferson[11] foi um intelectual. Escreveu a Declaração da Independência de seu País depois de uma guerra; influiu na declaração de direitos da Constituição Americana; fundou a Universidade da Virginia; foi Governador e Presidente.

Entre nós, Bonifácio[12] - a grande força por detrás do trono; Feijó[13], Bernardo Pereira de Vasconcelos[14], Mauá[15] Benjamin Constant[16],

[9] Winston Churchill, 1874-1965. Jornalista, escritor, tribuno, Deputado, Primeiro Ministro. Comandou vitoriosamente a Grã Bretanha na Segunda Guerra Mundial.
[10] Abraham Lincoln, 16° Presidente dos Estados Unidos. Comandou as forças da União contra os Confederados que queriam a desintegração dos Estados Unidos. Vencida a guerra, foi reeleito mas não completou o novo mandato. Foi assassinado.
[11] Thomas Jeffeson,(1743-1826). Governador da Virgínia, aos 36 anos. 3° Presidente dos Estados Unidos. Fundador do Partido Democrata. Advogado, músico,arquiteto, literato.
[12] José Bonifácio de Andrada e Silva, professor, naturalista, poeta. Coordenou em S.Paulo, onde vivia, o movimento que culminou com o Grito do Ipiranga como ficou conhecida a Declaração de Independência do Brasil, em 07 de Setembro de 1822.
[13] Diogo Antonio Feijó, Ministro da Justiça na Regência que governou o País após a abdicação de D.Pedro I, quando o sucessor D.Pedro II, tinha apenas 05 anos. Resistiu a

http://bdjur.stj.gov.br

Rui Barbosa[17], Osvaldo Cruz[18], Epitácio Pessoa[19], Getúlio Vargas[20], Roberto Simonsen[21],Menoti Del Picchia[22], Clodomir Cardoso[23], José

tentativas de desestabilização do Império, que simbolizava a Independência. Firmou-se como Chefe de Estado, de fato.

[14] Deputado várias vezes, Senador no Império,sempre muito influente. Redigiu, com espírito de conciliação, a reforma constitucional de 1834. Foi sua a idéia de assentar a monarquia em instituições populares. Suas idéias estão resumidas no "Manifesto Político e Exposição de Princípios", Edição do Senado Federal e da Universidade de Brasília, Série Estudos Jurídicos, Vol. 1, 1978. Nasceu em Vila Rica, hoje Ouro Preto,MG, em 27.08.1795. Morreu no Rio de Janeiro, em 1° de maio de 1850, vítima de febre amarela.

[15] Irineu Evangelista de Sousa, (1813-1884). Liberal, antiescravagista,arrojado, criou o Banco do Brasil, instalou a primeira estrada de ferro e o cabo submarino para a Europa, a Cia. de Iluminação a Gás do Rio de Janeiro, curtumes, engenhos, fabricou navios, guindastes, caldeiras, iniciou a navegação na amazônia, atuou na mineração, siderurgia e na construção civil. O perfil do Barão de Mauá, segundo Barbosa Lima Sobrinho, é de um "líder exponencial, de atividade ultraproveitosa para o País".

[16] Tribuno, pregador da causa republicana, ídolo da jovem oficialidade militar. Teve atuação importante na queda da Monarquia e na consolidação da República. Quando o Marechal Deodoro da Fonseca foi a S.Cristóvão para encontrar-se com a tropa rebelada e de lá partir para atacar o Ministério da Guerra, quem o acompanhava ? Benjamin Constant e Quintino Bocaiúva.

[17] Advogado, professor, jornalista, Senador, autor da declaração de proclamação da República (Dec.n° 01). Defensor intransigente da ordem legal, enfrentou, muitas vezes, o Marechal Floriano Peixoto, no chamado conflito de poderes, em defesa da independência do Judiciário e das prerrogativas e garantias da magistratura. Empreendeu a campanha civilista denunciando o militarismo que dominava politicamente a República.

[18] Oswaldo Cruz. Depois de três anos no Instituto Pasteur, em Paris, voltou ao Brasil, jovem ainda, para dirigir o Instituto Soroterápico de Manguinhos, SP. Nomeado Diretor da Saúde Pública, no Rio de Janeiro, revelou-se líder do seu tempo, enfrentando argumentos dos influentes que invocavam fundamentos morais e religiosos incitando a população a resistir à campanha para a erradicação da febre amarela.

[19] Advogado, Professor, Deputado Federal, Ministro da Justiça, Ministro do Supremo Tribunal Federal, Senador pela Paraíba, Presidente da República (1919-1922). Nasceu em Umbuzeiro,PB, em 1865. Morreu no Estado do Rio de Janeiro, em 1942.

[20] Advogado, Jornalista, Deputado, Ministro da Fazenda, Governador do Rio Grande do Sul, líder da Revolução de 1930, Chefe do Governo Provisório, Presidente da República. Inseriu o País no mundo industrial e dos direitos sociais. Criou a Justiça do Trabalho e a Justiça Eleitoral. E também a Petrobrás e a Eletrobrás. (1883-1954).

[21] Para Simonsen, (1889-1948), não se devia falar em vida cara mas sim em ganho insuficiente "porque o índice de produção é baixo em relação à população e extensão do nosso território". Foi uma das figuras mais criativas e empreendoras no País, a partir da primeira Guerra Mundial. (Sobre Simonsen, v. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (1930-1983), editado pela Fundação Getulio Vargas e Forense Universitária, pags. 3201/3205).

[22] Jornalista, advogado, Deputado Federal, poeta, escritor, esteve na linha de frente da Semana de Arte Moderna. Autor, dentre outros, de "Juca Mulato" (poesia) e de "A Crise da Democracia". Nasceu em S.Paulo,SP, em 20.03.1892.

[23] Poeta, advogado, Juiz, Promotor, Deputado Provincial, Prefeito de S.Luis,MA, Deputado Federal, Governador do Maranhão,Senador. Firmou-se no Congresso como grande jurista, sendo considerado o Pai do Mandado de Segurança no direito constitucional brasileiro. Membro da Academia Maranhense de Letras. Nasceu em S.Luis,MA, em 29.12.1879. Morreu no Rio de Janeiro, DF, em 31.07.1953.

http://bdjur.stj.gov.br

Sarney[24], todos intelectuais e homens públicos, que souberam balizar o seu tempo.

A nenhum faltou a coragem nas denúncias, as formulações de idéias audaciosas para a sociedade de sua época; todos souberam refletir os desafios; enfim, na linguagem de hoje, fizeram a reengenharia da sociedade. O traço do perfil dos intelectuais transformadores é o trabalho pelo bem, a favor da causa da Justiça e da Paz.

Quem trabalha pelo bem, a favor da causa da Justiça e da Paz, não precisa viver com medo das conseqüências.

Trabalhar pela Justiça é dar combate, na trincheira que for possível, às desigualdades.

É nosso o País onde há uma das maiores concentrações de renda do mundo. 48,2% (quarenta e oito, dois por cento) da renda nacional está nas mãos de apenas 1,1% (um, um por cento) dos brasileiros.

Nessas desigualdades injustas crescem as injustiças; amplia-se a exclusão social - a ignorância, o analfabetismo, as doenças, o desemprego, a fome. Estas desigualdades é que fazem o clima para a violência. A injustiça da exclusão social conspira contra a democracia. E nós não podemos viver sem a democracia.

Como advertia Huxley[25], "*os fatos não deixam de existir, simplesmente, porque resolvemos ignorá-los"...*

[24] Poeta, Jornalista, Advogado, Deputado Federal, Governador do Maranhão, Senador, Vice Presidente e Presidente da República, Presidente do Senado. Grande orador. Líder popular. Membro da Academia Maranhense de Letras e da Academia Brasileira de Letras. Nasceu em Pinheiro,MA, em 24.04.1930.

[25] Aldous Huxley, autor de "O Macaco e a Essência", que li na adolescência, por indicação do poeta José Chagas. Esta frase eu a recolhi numa dessas revistas de bordo, quando voava, em janeiro ùltimo, de Washington,DC, para New York,US.

http://bdjur.stj.gov.br

A impunidade nos níveis insuportáveis a que chegou no nosso tempo é uma agressão à grande maioria, o povo, que é formada pelas pessoas simples, pessoas de bem. Logo vem um falso moralista de plantão e proclama - "*Cadeia!".* Outra enganação.

Mais de 85% (oitenta e cinco por cento) dos quase 200 (duzentos) mil brasileiros que cumprem pena ou foram esquecidos nas prisões enquanto respondiam a algum processo; mais de 85% (oitenta e cinco por cento), repito, dos que foram presos; são analfabetos ou semi-analfabetos; seus crimes, em princípio, tem origem em suas próprias condições econômicas e sociais. São pessoas que nunca tiveram condições mínimas de educação, saúde, habitação, capacitação profissional. Menos de 0,1% (zero, um por cento) tem nível universitário.

A Justiça Penal em nosso País, infelizmente, tem mais eficácia contra os mais pobres, contra os mais fracos, contra os marginalizados.

Menos de 1% (um por cento) no Brasil está preso por cheque sem fundo; os grandes estelionatários dificilmente são algemados ou presos.

E quanto custa um preso para a sociedade?

Dois salários-mínimos, em média, por mês; ou seja, muito mais do que se paga a uma professora de primeiro ou de segundo grau na grande maioria das escolas públicas do Brasil.

Por falar em educação, um estudo da UNICEF, órgão das Nações Unidas para a infância, denuncia que dos 5.024 (cinco mil e vinte e quatro) Municípios brasileiros, só 250 levam a sério a idéia de que lugar de criança não é nas ruas; é nas escolas.

No nosso Nordeste, concentra-se 41% (quarenta e um por cento) da população brasileira na faixa entre 0 (zero) e 17 (dezessete) anos de idade.

Entre a população do País economicamente ativa, 67% (sessenta e sete por cento) não concluiu o Curso do 1º Grau. As mulheres sustentam hoje ou dividem as despesas de 1/3 (um terço) dos lares; 85% (oitenta e cinco por cento) do déficit nacional em habitação corresponde a famílias que não ganham sequer o salário-mínimo ou, no máximo 05 (cinco) salários-mínimos.

Cinqüenta e seis por cento (56%) das terras estão nas mãos de 2% (dois por cento) dos mais de 150 milhões de brasileiros.

Somos a oitava maior economia do mundo. E estamos dentre os 17 (dezessete) países de mais corrupção no mundo. Mas estamos melhorando; já caímos dois pontos - fomos, no ano passado, o 15° (décimo quinto). A corrupção movimenta hoje no setor público cerca de 5% (cinco por cento) do PIB/Produto Interno Bruto, algo em torno de U$ 40 bilhões (quarenta bilhões de dólares).[26]

Não adianta em nada ficar apontando culpados, indiciando responsáveis. Não chegamos a isso da noite para o dia. Esses estragos não foram feitos apenas pela incompetência política de algumas gerações; prosseguirão triunfantes, intimidando a democracia, se nós intelectuais não usarmos nossos intelecto para a reflexão, de modo a que se resolva objetivamente, com sentido prático, como pregava Achilles Lisboa, todos esses problemas, na dimensão que couber, na jurisdição possível de cada um.

As idéias sem força, registra Norberto Bobbio, são fantasmas. Mas mesmos os fantasmas tem a sua força. E recorda o Rei bárbaro que em seu leito de morte não se cansava de repetir: "*Existem cinqüenta justos que me impedem de dormir*"[27]. Então, é preciso que os justos

[26] Todas estas informações estatísticas eu as obtive em diversas publicações durante pesquisas que, em julho último, realizei no BID/Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Washington,DC, US.
[27] "Os Intelectuais e o Poder", Unesp, S.Paulo,SP, 1996,pág.81.

http://bdjur.stj.gov.br

falem; denunciem; que mesmo em minoria incomodem os poderosos, impedindo-lhes o sono, forçando-os à reflexão com responsabilidade.

Os desafios decorrentes destas questões despontam tão fortes que contagiam e ampliam a nossa força de vontade.

Pensemos nas crianças que moram sob o teto das ruas; nas mães cujos seios secaram, não tendo mais como amamentar; nos pais sem emprego; nos jovens estigmatizados pelos vícios, pela droga; na inteligência sem oportunidades; na experiência preterida; na velhice desamparada. Incluamos essas legiões de excluídos nos nossos sonhos de todo dia, nas nossas inspirações, naquelas ilusões que não ficam perdidas.

Cada um obrigando-se para com todos, é a proposta sempre atual de Jean Jacques Rousseau[28]. Se não conseguirmos melhorar o mundo, poderemos impedir que o mundo fique pior. Até um silêncio altivo diante do poderoso da hora, um silêncio com seriedade e mensagem, pode ajudar aos excluídos.

Falo de atitude política. Não falo de filiação partidária. Falo da responsabilidade de uma elite, a elite intelectual que somos. Em muitos momentos da história os intelectuais induziam as ações com sacudidelas firmes nos espíritos estagnados que nem desocupam os espaços nem

[28] Autor do famoso "O Contrato Social", de grande importância na formação ideológica da revolução francesa. Sustentou que a liberdade individual não pode sucumbir diante dos interesses da Igreja ou do Estado. "O homem nasceu livre, e em toda parte se encontra sob ferros. De tal modo acredita-se o senhor dos outros, que não deixa de ser mais escravo do que eles", escreveu. Jean Jacques Rosseau nasceu em Genebra em 28 de junho de 1712. Antes de obter respeito como filosofo, pensador político, teatrólogo e romancista, era conhecido como músico, desenhista e pintor. O seu "Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens" , inscrito num concurso da Academia de Dijon,França, não foi classificado e até criticado com sarcasmo por Voltaire. No entanto, é referência forte até hoje. Isto prova que nem sempre os esnobados da hora são os derrotados na história. Ele afirmava que os frutos da terra a todos pertenciam, porque a terra não é de ninguém. Num exemplar antigo d'"O Contrato Social", que carrego comigo desde janeiro de 1966, observo agora que grifei, à época, o seguinte: "Se eu fosse príncipe ou legislador, não perderia meu tempo em dizer o que é preciso fazer; eu o faria ou me calaria". Grande Rosseau! Morreu no Castelo de Ermenonville, próximo de Senles, em 2 de julho de 1778. Portanto, sem compartilhar da vitória do movimento que muito influenciou.

http://bdjur.stj.gov.br

realizam as incumbências das tarefas de Estado. Alimentam-se da fantasia de que tem a turba ignara, com toda sua força, ao seu lado.

Não é a turba ignara mas a elite intelectual que legitima o poder constituído. A turba é instinto. A elite pensante é lógica, é razão.

Excitada em suas motivações, a turba, quando muito, só comparece; sua natureza é plebiscitária - diz sim ou não e pronto; as autoridades constituídas que façam o resto, aliás tudo. A turba ignara, portanto, - precisamos não ser demagogos e reconhecer - é apenas força, a indispensável força de que se valem os déspotas, os pseudodemocratas, para fingirem que são legítimos.

A turba ignara não é cidadã, é súdita.

Cidadã é a sociedade organizada pela educação, consciente dos seus direitos, que não se deixa levar nem pela informação manipulada, nem pelas ações de Governos que se julgam o máximo quando conseguem fazer o mínimo da sua obrigação de fazer. Cidadã é a sociedade que elege quem quer; cobra, ajuda, fiscaliza, paga impostos, realiza a democracia. Participa. Quando a cidadania é escassa, a responsabilidade da elite pensante se torna maior porque maior é a necessidade de razão.

O que não é digno num intelectual é ele se tornar funcionário da fábrica de consenso, aquela que produz o aplauso fácil, a ladainha, a louvaminha. Essa é a indústria dos dividendos que sustentam os governantes insossos, os arrogantes, os que não têm noção de limites; os que não sabem rir de si mesmos porque ignoram o próprio ridículo; que são insensíveis com a miséria; que adoram se ver nos próprios retrato; que preferem se ouvir nos próprios ouvidos.

Esses sempre existirão com o homem da Tabacaria no poema de Fernando Pessoa[29]. "*Ele morrerá, eu morrerei; ele deixará tabuletas, eu deixarei versos*". Sempre haverá gente vivendo debaixo de coisas como tabuletas e gente fazendo coisas como versos. Eu fico com aqueles que preferem fazer coisas como versos...

Como em Bandeira Tribuzi[30]:

"Não quero ser guardado numa antologia. / Ó que Deus me guarde de ficar fechar numa antologia. / Quero que meus versos teçam a alegria e corram nas ruas como pão da vida. / (...) Não quero meus versos numa antologia. / Quero-os rolando caminhos e dias na boca do povo: rosa da esperança / vermelha e florida.

Ou como Drummond, Carlos Drummond de Andrade, de Itabira, Minas:

"Não serei o poeta de um mundo caduco. / Também não cantarei o mundo do futuro. / Estou preso à vida e olho meus companheiros. / Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças. Entre eles, considero a enorme realidade. / O presente é tão grande, não nos afastemos. / Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. / Não serei o cantor de uma mulher, de uma história, / não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela, / não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida; / não fugirei para as ilhas, nem serei raptado por serafins. / O tempo é minha matéria, o tempo presente, / os homens presentes, a vida presente.

---

[29] Fernando Antonio Nogueira Pessoa. (1888-1933). Maior poeta português neste século. Foi Tribuzi quem o difundiu entre os da sua geração, no Maranhão.

[30] Jose Tribuzi Pinheiro Gomes, (1927-1977), jornalista, economista, político, grande poeta. Filho de portugueses, educou-se, desde os 03 anos de idade, em Portugal. Estudou em Aveiro, Porto e Coimbra. Graduado em em Filosofia e em Ciências Econômicas e Sociais, voltou ao Maranhão em 1946, passando a exercer poderosa influencia na vida cultural e política do Estado.

http://bdjur.stj.gov.br

Bernardo Almeida, Odilon Soares, Achilles Lisboa, Antônio Lobo, Nina Rodrigues, nomes que engrandecem esta Casa compondo a honrada galeria em que eu sou incluído.

Estou muito honrado em me juntar agora ao Ministro Carlos Madeira; aos Desembargadores José Joaquim Ramos Filgueiras e Milson Coutinho; aos Senadores Luis Carlos Belo Parga e José Sarney; aos Deputados Neiva Moreira, Pires Saboia, Antenor Braga, Evandro Sarney, Benedito Buzar, Joaquim Itapary, aos Vereadores José Chagas e Ivan Sarney; aos homens públicos que exerceram ou ainda exercem relevantes funções de Estado como Jomar Moraes, Clovis Ramos, Flanklin de Oliveira, Manoel Caetano Bandeira de Melo, Carvalho Guimarães, Eloi Coelho Neto, Manoel Lopes, Dagmar Desterro, Américo Azevedo Neto, Clovis Sena, Josué Montello, Mario Meireles, Montalvene Frota, Ubiratan Teixeira e Waldemiro Viana ao cientista Odorico Amaral de Matos profissionais bem sucedidos como Carlos Gaspar, Nonato Masson, Lucy Teixeira, Antônio de Oliveira, Jose Ribamar Caldeira, José Louzeiro, Conceição Neves Aboud, Antônio Almeida, Magson da Silva, - reconhecidos prosadores, poetas, historiadores, teatrólogos, romancistas, cronistas, homens de grande saber nas letras e de muita experiência na vida.

O Padre Antônio Vieira pregou, no Sermão da Segunda Dominga do Advento, que "*é mais de temer-se o juízo dos homens, que o de Deus; pois enquanto no juízo de Deus nossas boas obras nos defendem, no juízo dos homens elas são maior inimigo, já que não há maior delito no mundo do que ser o melhor; um grande delito muitas vezes achou piedade, mas a um grande merecimento nunca lhe faltou a inveja".*

Estou muito honrado por me terem trazido para esta Casa.

Enquanto não chegar a noite como esta em que alguém eleito para me suceder nesta Cadeira cumprirá, como eu agora, o ritual de

http://bdjur.stj.gov.br

relembrar os cinco que eu relembrei; quando só aí serei, também, imortal porque, inarredavelmente, a partir de então relembrarão também a mim; e quando chegar essa primeira noite depois de mim, alguém dirá que vivi e lutei por uma sociedade livre, sem fome, as pessoas, enfim cidadãs, trabalhando, auferindo das vantagens da educação, da cultura, da saúde, da ciência, da tecnologia; sob a plenitude de um Estado de Direito Democrático, com Justiça e Paz.

É assim que, na noite que virá depois de mim, quererei ser lembrado.

"*Não nos afastemos muito*" demo-nos as mãos; "*vamos de mãos dadas*.

O Maranhão em primeiro lugar! O Brasil antes de tudo.

Obrigado.